

# NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

SEMANÁRIO DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Filiado no Sindicato Nacional da Imprensa Portuguesa

Redacção e Administração: L. Conselheiro João Franco, 30.

Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesense.

Chefe da Redacção — DOMINGOS RIBEIRO.

Director e Editor — ANTONINO DIAS DE CASTRO.

Administrador — Prof. J. FERREIRA BOTELHO.

## Fôlhas Perdidas

IV

Crença da imortalidade, anseio de infinito, brasa de amor! A inconformação, antiqüíssima e perene, do homem à trajectória humana, que vai do bérço maternal à cova maternal; ascese, esperança e mística, de uma ideia acima das contingências da matéria, da fraqueza do corpo, do relativismo e pequenez da vida, ideia de aperfeiçoamento, e idealização moral. E tamanha, que se lhe infiltrou na automática do instinto — como êle caminha, seguro de si, não vendo a morte... — e na comum dinâmica da inteligência — como êle incendeia, mesmo na velhice, os sonhos do futuro... — tão radiosamente forte, que o cegou a ponto de não falar do seu amor — sem o jurar eterno! —, dizer infinda a sua dôr, e erigir-se a si próprio em outorgante da eternidade, santificando os deuses e chamando imortais aos sábios, aos heróis e aos artistas...

Vagas de pensamento e desejo, que ressoam em todos os séculos e em tôdas as filosofias, escachoram também em desanove: os peregrinos, que o atravessaram, demandando cruciantemente e ardentemente a verdade, interrogaram-nas e ouviram-nas como os seus antepassados. Se os acusam de o haver feito conturbados de incerteza e roídos de dúvidas, quando a procela das paixões sociais se desencadeára mais ululante e terrível, é porque incertezas e dúvidas se acumularam na sua hereditariedade espiritual, como no torvelinho das sociedades estavam germinando com mais impetuosa força aspirações e lutas muito velhas, velhas como o homem, mas a que um sentido mais derramado e mais firme da consciência da vida e da dignidade da pessoa já não consentia disfarces, nem se deixava desarmar com transigências.

Nas primeiras páginas do livro — *Ao ritmo da ampulheta* — António Sardinha, cuja morte eu sinceramente deploro como a perda de um alto valor nacional, quere mostrar como, «de diferentes derivações», que vai entroncar, esmiuçando passagens, em algumas das nossas figuras mais representativas do tam discutido século (como Antero e Oliveira Martins), — se «vinha convergindo» às ideias de que êle se tornou esclarecido e arrojado paladino. E porque invoca e se apega à tradição, esclarece: «Não se trata de um regresso — duma suspensão. Filosófica e historicamente o nosso conceito de «tradição» equivale a *dinamismo* e *continuidade*. ... Continuidade, solidariedade social, respeito e interpretação do passado, amor, ordem, progresso — ¿ não estamos recordando o ensinamento perdurável de Comte, cuja falência se apregoára?

¿ Porque se amaldiçoa, então, cruamente, o século XIX e porque foi assim desventurosa a geração, que mais de perto lhe recebeu a herança?

Estavamos quasi a confessar as nossas culpas... e tam graves as sentimos... que, em vez da penitência, a abafar a voz do íntimo que nos condena... nos lançamos e ensurdecemos na grita da discussão — como se as pudéssemos negar, ou, para nos remir, bastasse tornarmos alheios os nossos êrros. Ah! como é cheio de orgulho o sonho de uma sombra!

Já a imortalidade não satisfaz o homem, nem cabe no infinito. Ele ambiciona lograr a eternidade do seu egoísmo — repletamente encher o seu eu de inúmeros contentamentos e de incomensuráveis opulências, e projectá-lo assim, soberano e magnífico, por cima de tôdas as dores que rastejam no mundo, e acima de tôdas as estrêlas que vão lacrimando sua luz no espaço. Ele aspira ao infinito dentro do homem: o infinito poder, o infinito valor, a infinita inteligência, a infinita riqueza, a vaidosa satisfação dos infinitos apetites. Concebera-se, para além da morte, sem limites de tempo, nem marcos de espaço — arroga-se, como homem, um direito de universo. E soberbo de imortalidade e sequioso de infinito, porque assim o julgou conveniente à expansão do seu «imperialismo económico», arma e deflagra a mais sangrenta, a mais angustiosa, a mais desvaivada das guerras, encharca os campos e os mares, afuzila o espaço, enluta a humanidade inteira. Este poeta, êste filósofo, êste sábio — continua o ran-coroso degládio de Abel e de Caím!

Tanta morte, silenciosa e trágica, acorda-lhe no espírito a fria certeza da morte, e então o imortal e o infinito — farrapo de sombra estremecente, — como se trouxesse a loucura a arder em chamas dentro duma caveira, solta os seus intintos bárbaros, trepida os nus caprichos do seu desejo feroz, agora atacado da mononania, cruelíssima e angustiosíssima, de saciar fartamente a sua vida apressada. Sente-se escravo, no mais alto da civilização ou na mais considerada das soberanias actuais, de uma força odiosa, que o sobressalta de vertigens, o dementa de ambições e em que vai arrastado, coisa mole, carpindo funambulescamente a sua inteligência, que se alucinou, estonteando em mórbidos prazeres o seu sentimento, que se perverteu. Tem medo de si e anda cheio de medo aos outros, ao distinguir o uivar do lobo na revolta do ódio, da inveja e da ignorância. Neste arraial, batido de trovoadas e em que as labaredas crepitam da vasa de lama, andamos todos à busca da nossa estrêla — migalhas de pão e uma sêde de justiça, migalhas de misericórdia e uma sêde de verdade, migalhas de paz e uma sêde de alegria.

Surdem em leilão os sistemas — uns ordenam a ocasião em abstracto filosófico, a oportunidade em regime político, o interesse em lei moral; os sábios desdenham das humanidades, como se elas não condensassem uma lição secular do esforço humano, e os eruditos fingem desconhecer os confôrto, que devemos aos aperfeiçoamentos técnicos, ou o ensino da humildade a que nos induz o estudo da natureza; estes maisinam o povo como plebe ignara; aqueles (como Lucien Romier, notável historiador, economista e filósofo) proclamam que a salvação está no tesouro de qualidades que o verdadeiro povo soube guardar e cultivar; outros flamejam as pai-

## Ferros Curtos

### CASTELOS NO AR...

*O Castelo dos Almadas  
Na antiga Praça do Leite,  
A-pesar das marteladas  
E de tantas escaladas,  
— Mostra ser de um lindo enfeite...*

*O Castelo dos Almadas  
— O mui famoso Castelo —  
Sem ameias, sem portadas,  
Escondido às temporadas,  
— Será verde ou amarelo?*

*O Castelo dos Almadas  
— Um Palácio moribundo —  
Terá mouras encantadas?  
Terá bruxas? deusas? fadas?  
Terá almas do outro mundo?*

*O Castelo — quem diria! —  
Dá que fazer — é bom osso! —  
Quando vier à luz do dia,  
Deita a um canto o de Leiria...  
— Vai ficar mesmo um colosso!*

*Quem havia de dizer  
(Ou não houvesse bom cheiro,  
Ciência oculta ou saber!)  
Que num velho pardieiro  
Um Castelo ia nascer!...*

*E a Estética Comissão  
— Pessoas cultas e finas —  
Não via só, — isso não! —  
Alto Castelo em ruínas...  
Via mais — um Castêlão!*

*No Castelo dos Almadas  
— O' meu povo: aí o tens!  
Segundo pessoas gradas,  
Há por lá almas penadas,  
De noite ladram-lhe os cães!*

*Muita gente que lá passa,  
Diz, num sorriso amarelo,  
Num sorriso de arruaça!  
— O' misterioso Castelo!  
Dá-me um ar da tua graça...*

BANDARILHEIRO.

## CASA DOS POBRES

Desde há muito tempo que se notava a imperiosa necessidade de resolver o problema da mendicidade nesta cidade e concelho, à semelhança do que outras terras já fizeram. Dentro desta ordem de ideias, foi — como é do conhecimento dos nossos estimados leitores — posta em prática a louvável iniciativa de fundar, nesta cidade, a «Casa dos Pobres», cuja iniciativa nós aplaudimos, visto que não seríamos coerentes com o nosso modo de pensar, se regateássemos os nossos aplausos a tam digna e tam simpática Obra de Caridade. Como nós, deviam pensar todos os vimaraneses, não só por um nobre sentimento humano, mas, também, por uma questão de bairrismo. Infelizmente, parece não ter sucedido assim, pois temos informações de que uma grande parte dos vimaraneses não tem acolhido condignamente — o que não era de esperar — o apêlo que lhe foi dirigido. E' uma atitude que não devemos nem podemos deixar de lamentar, mas estamos certos de que todos aqueles que assim têm procedido, se compenetrarão, ainda, do dever que têm de auxiliar a fundação da «Casa dos Pobres», contribuindo cada um, conforme os seus recursos para a efectivação desta grandiosa Obra, que é significativa de um grandioso exemplo de humanidade e, até, de civilização. Portanto, torna-se

## L Ó G I C A

Ai daqueles que, um dia, depuseram  
Firmes crenças num bem que lhes vouu!  
Ai dos que neste mundo ainda esperam!  
Terão a sorte de quem já esperou...

Ai dos pobrinhos, dos que já tiveram  
Oiro e papéis que o vento lhes levou!  
Ai dos que têm, que ainda não perderam,  
Que amanhã, serão pobres como eu sou.

Ai dos que, hoje, amam e não são amados,  
Que, algum dia, o serão, mas sem poder!  
Ai dos que sofrem! ai dos desgraçados

Que breve, não terão mais p'ra sofrer!  
Ai dos que morrem, que lá vão levados!  
Ai de nós que ainda temos de viver!

ANTÓNIO NOBRE.

indispensável o concurso de todos, sem o que não será possível converter em realidade aquilo que por todos nós deve ser bem recebido. Mas o povo de Guimarães, que sempre tem sabido cumprir os seus deveres, não deixará de cumprir mais este, tanto mais que se trata de um acto que dignifica esta terra, porque põe termo a um comovente e, ao mesmo tempo, deprimente espectáculo, a que assistimos dia a dia. E' neste sentido que está a trabalhar uma Comissão composta de pessoas ilustres, à qual todos devem prestar o seu auxílio para que não deixe de ser um facto consumado, dentro do mais curto espaço de tempo, a resolução do problema da mendicidade em Guimarães. A resposta às circulares que foram dirigidas às pessoas que, mais ou menos, podem prestar o seu concurso, pode ser dada na Administração do Concelho, facilitando, dêste modo, os trabalhos da referida Comissão, da qual alguns membros têm sido incansáveis.

Vimaraneses!  
Auxiliar a fundação da «Casa dos Pobres» é praticar uma das mais sublimes virtudes!

## Voltou a ser grátis a entrada no Castelo

A propósito dum artigo que publicamos no n.º 108 do nosso jornal, da autoria do nosso ilustre colaborador, sr. A. L. de Carvalho, procurou-nos o sr. Director-Conservador do Museu Alberto Sampaio, que nos disse o seguinte:

Em Julho de 1933 o Ministério da Guerra declarou que não mais pagaria ao guarda do Castelo, visto que o monumento havia sido entregue ao Ministério da Instrução. Imediatamente foi pedido, por officio, ao Ministério da Instrução aquele pagamento, não tendo este respondido à petição enviada. Porque o assunto precisava de urgentes providências, foram particularmente consultadas algumas individualidades do Município vimaranesense, que do mesmo modo se negaram ao indispensável pagamento.

Em face disto, e como não se podia

conservar encerrado durante os meses de Julho, Agosto, Setembro e Outubro, aos olhares curiosos dos visitantes, o nosso primeiro monumento, o guarda Jerónimo da Silva para que pudesse mensalmente receber o seu ordenado — noventa escudos — foram mandados executar os bilhetes de cobrança, de um escudo por pessoa, à semelhança do que se faz nos Castelos da Feira e de Leiria, na Batalha, em Tomar (Convento de Cristo), em Alcobça, etc., etc.

Quando a cobrança tinha reunido o dinheiro suficiente para o pagamento de tôdas as despesas até 30 de Junho do corrente ano, cessou esta, por ordem de quem tinha tomado a sua iniciativa.

## Falta de humanidade

Depois de passado algum tempo, voltou a ser moda, cá na terra, a extinção dos cães por meio do *bôlo*. Ainda há dias, presenciámos um espectáculo dêstes na rua 31 de Janeiro, próximo do Banco de Portugal, cujo facto indignou tôdas as pessoas que, como nós, foram testemunhas, algumas delas de elevada categoria. Não se justificam semelhantes actos de tam repugnante e tam deprimente barbaridade, pois não é sòmente de lamentar o processo usado para a extinção dos cães, como também é condenável o mau exemplo que se dá, sobretudo às crianças. Não sabemos a quem cabe a responsabilidade desta *selvagem medida*, mas o que é certo é que alguém há-de ser responsável. Se isto se fizesse numa terra de pretos, não seria caso para estranhar; mas fazê-lo em Guimarães é o mesmo que procurar afastar daqui o nome de terra civilizada. O que se está a passar com a extinção dos cães é a maior das vergonhas, é a maior das misérias, é o mais horroroso exemplo que se pode dar à sociedade!

Há muito poucos dias que a Sociedade Protectora dos Animais fez um apêlo ao público no sentido dêste concorrer para que aos animais não falte a protecção que lhes deve ser dispensada.

A resposta a êste acto de generosidade é, como se está a ver, matar com veneno os referidos animais, com a agravante de o fa-

xões das turbas para que se despenhem e arrazem de furacão as sociedades adoecidas; mais uma vez Lázaro volta a ambular ideias mortas. No espesso materialismo, longas mãos diáfanas de clérigos semeiam a resignação e piedade do cristianismo.

EDUARDO D'ALMEIDA.

# LOÇÃO MIN-HOR

(CIENTÍFICA COMBINAÇÃO QUÍMICA)

Restitui aos cabelos a sua cor primitiva.  
Não mancha a pele nem a roupa.  
Vende-se em tôdas as boas farmácias.

Preparação do Laboratório "XORUS,"

## As minhas impressões

XXXXX

Meu amigo:

Tenho muito prazer em ver-te por cá. No entanto, aconselho-te a não vires, sem que, primeiro, leias na imprensa a notícia de que já se pode transitar pelos passeios das ruas principais da cidade, o que actualmente não sucede em virtude de estarem transformados em pequenos campos de foot-ball e, ainda, porque são tomados por aquelas pessoas que conduzem fardos e coisas semelhantes, não deixando de juntar-se a isto as peixeiras com os seus tabuleiros! Além disto, terias o desporto de presenciar outros actos reveladores da falta de educação, como, por exemplo, a linguagem livre de certa *gandulagem* e as portas dos prédios riscadas com giz e com palavras e desenhos contrários ao pudor. Isto, porém, não serve de argumento para ficares a supor que a cidade de Guimarães está transformada em terra de vândalos. Não, meu amigo. Pelo contrário, é uma terra que tem o seu nome bem merecidamente consagrado na História e que, a par daquela *nota desastrosa*, tem belezas que encantam e tem as mais sublimes e as mais ricas preciosidades. Portanto, nenhuma influência devem ter no espírito as minhas primeiras palavras, tanto mais que tudo desaparecerá desde que as devidas providências sejam tomadas por quem de direito. O que há, presentemente, não é mais do que um certo desleixo, mas uma vez que este deixe de existir tudo ficará na melhor ordem e ninguém terá de que se queixar. O senhor Administrador do Concelho, que é filho de Guimarães e que tem orgulho em ver prestigiada a sua terra, não deixará de tomar em consideração as minhas palavras, que são motivadas, somente, por aquilo que tenho presenciado. Sua ex.ª dará as suas ordens e castigará — mas sem contempções — aqueles ou aqueles que não as cumprirem. E' assim que tem de ser, porque do contrário continuar-se-ão a dar os mesmos espectáculos, sempre desagradáveis, quer para a população vimaranense, quer para os forasteiros. E feito isto, porém, então, ter a certeza de que da tua visita a esta terra apenas te restarão as mais gratas e as mais saudosas recordações. Assim tem acontecido a todos os outros.

Claro está que não deixará de visitar a formosa Penha, onde irás encontrar uma das obras mais prodigiosas da Natureza. Lá, a 617 metros de altitude, sentir-te-ás dominado pela atraente paisagem que terá ocasião de gozar e pelas soberbas maravilhas do próprio local. Resolve, pois, como entenderes, e continua a dar-me as tuas ordens, que, como sempre, serão bem recebidas. A nossa amizade, já de longos tempos, dá-me a liberdade de te contar tudo aquilo que sinto e penso, motivo que justifica o conteúdo desta minha carta. E por aqui me fico.

Um abraço  
do velho am.º

Guimarães, 28-II-934.

Miora.

## Eduardo Manuel de Almeida

Passou no dia 1 do corrente o 19.º aniversário do falecimento deste prestantíssimo cidadão que tódá a Guimarães, desde os mais humildes aos ricos, lembra e chora ainda com a mais enternecida saudade. E' que Eduardo Manuel de Almeida, vivendo para a sua família que tanto idolatrava, viveu também para os humildes que muito acarinhou.

## Padre Gaspar Roriz

Fêz na quarta-feira dois anos que a morte roubou ao convívio dos vimaranenses aquele seu ilustre conterrâneo que tanto trabalhou pela sua e nossa terra — o Padre Gaspar Roriz.

Todos o lembram com saudade.

\*

Comemorando o 2.º lutooso aniversário, sua irmã, a sr.ª D. Maria de Oliveira Roriz, mandou celebrar uma missa, no templo de S. Francisco, que teve numerosa assistência.

zarem na via pública e a qualquer hora do dia. Porque não se cumpre a lei? Para que serve o canil?

Que nos responda a isto o autor da façanha, mas só depois de ter feito um cuidadoso exame de consciência. Mesmo assim, não terá absolvição possível, porque é um *ser* sem alma e sem coração humano!

## OS NOVOS PAÇOS DO CONCELHO

Vale a pena reconstituir os factos, à laia de... efemérides históricas.

1914 — E' nomeada pela Câmara uma Comissão para dar parecer sobre qual o local onde se deviam edificar os novos Paços do Concelho.

Pronunciaram-se: os senhores José de Pina, Ribeiro de Freitas, Coelho Pinto e Abel Cardozo.

Por me parecer oportuno, reproduzo aqui esta parte do relatório apresentado à Câmara pela citada Comissão:

— «O Ex.º Sr. José de Pina era de opinião que se desenvolvesse uma ampla rotunda de 200 metros de raio tendo por centro o antigo Paço dos Duques de Bragança e se reconstituísse este, adaptando-o às exigências do edifício a construir. Uma avenida espaçosa seguiria do Largo da República do Brasil, junto das muralhas, em rampa suave, até essa rotunda, que assim ficaria com uma bela comunicação com a frente central da cidade.»

Comentário do relator:

— «E', sem dúvida, bela e grandiosa a concepção do Ex.º Sr. José de Pina. S. Ex.ª, porém, depressa a pôs de parte atendendo, especialmente, à soma enorme que seria necessário dispendêr-se, principalmente com a reconstituição do monumento e ainda com a construção indispensável do novo edifício para aquartelar o regimento.»

Por este modo foram abandonando os quatro membros da Comissão de 1914 a sua ideia para, finalmente, por unanimidade de votos, aceitarem a ideia do presidente da Câmara que da mesma Comissão fazia parte.

Eis o parecer votado:

— «Traçando-se uma recta desde o ângulo sudoeste da casa do Tribunal, paralela à fachada da casa da Assembleia, até à Rua Elias Garcia; outra, alinhando pela fachada da Assembleia até à mesma rua, respeitando apenas o actual edifício dos Paços do Concelho, a Ex.ª Câmara exproprie todos os prédios que se encontram dentro do quadrilátero formado por estas duas linhas, pela parte do lado nascente da rua Elias Garcia e poente da Praça de S. Tiago, obtendo assim um vasto e bellissimo largo, de aparência absolutamente regular, medindo 6.084 metros quadrados, no qual poderá à vontade mandar construir o novo edifício dos Paços do Concelho, cuja fachada posterior deverá ficar em frente da fachada lateral do Tribunal e separada d'este por uma rua de 10 metros de largo.»

Contra a escolha d'este local para a construção dos novos Paços do Concelho abriu campanha o semanário «Alvorada», da direcção do signatário d'este artigo, indicando a parte alta da cidade.

Assim fechava uma local sobre o assunto:

— «Se para alguma coisa pode valer mais uma opinião fora das conclusões d'esse relatório, nós, francamente, optaremos a daqueles que entendem dever emendar-se os erros do passado, fazendo construir os novos Paços do Concelho na parte alta da cidade.»

Mas inútil...

Aberto o concurso para a construção, fôram as bases sujeitas à apreciação da Sociedade dos Arquitectos Portugueses e do Conselho de Arte e Arqueologia Nacionais.

Tempo decorrido, apresentaram-se tres projectos à apreciação da Câmara e no seu salão nobre estiveram as plantas e orçãos para apreciação pública.

Dos tres projectos apresentados a Comissão classificou em 1.º lugar o trabalho do architecto Marques da Silva, projecto que,

como o dos outros concorrentes, fôra feito para a Praça de S. Tiago (ampliada).

Entrava-se em pleno período da Grande Guerra. Os orçamentos estudados para esta e outras obras de fomento municipal, oscilaram fortemente. A alta dos preços, fez não só pôr de parte, até melhor oportunidades a construção dos novos Paços do Concelho, como outros projectos de verdadeiro fomento municipal — tais como:

- Parque à volta do Castelo.
- Construção de um bairro.
- Viação electrica para Braga.
- Conclusão da Cadeia.
- Saneamento da cidade.

Em 1916 dizia o presidente da Câmara a propósito do seu plano de fomento: — «Dir-se-á que é inoportuna a apresentação desta proposta, nesta altura em que quasi tódá a Europa, incluindo Portugal, está em guerra. Não; tudo leva a crer que, e felizmente, a guerra não poderá prolongar-se por muito tempo mais.»

Mas a guerra durou até 1918 e, consigo, trouxe o agravamento económico da vida, atirando para a casa dos milhares o orçamento da construção dos novos Paços do Concelho, enquanto a Política, por sua vez, atirava para o exílio com o autor do seu plano.

O que fizeram, sobre a matéria, aqueles *edís* que se lhe sucederam?...

— Vamos devagar!

A. L. DE CARVALHO.

## CONSTATA-SE...

Que voltam a aparecer na via pública cães mortos com veneno.

— Que de quando em vez a cidade é infestada por muitos mendigos-vândalos que, além de imperitinentes, são uns autênticos resmungões quando não são atendidos.

— Que continua, à noite, a faltar a luz nas montras de alguns dos nossos melhores estabelecimentos comerciais.

— Que se ainda encontra, em exhibição, o tóxico escadório do par-dieiro da Rua 31 de Janeiro.

— Que caso nenhum se fêz do apêlo que aqui fizemos aos srs. proprietários do muro que está na mesma rua, para que mandassem proceder à sua limpeza.

— Que o Jardim Público continua a ser embelezado com duas elegantes vigas de ferro a servir de postes de iluminação eléctrica.

— Que a Companhia dos Caminhos de Ferro do Norte de Portugal ainda se não resolveu a tomar em consideração as justissimas pretensões da Imprensa vimaranense no respeitante à construção de uma Estação que esteja à altura da nossa terra.

— Que alguns prédios da cidade estão mesmo, mesmo a pedir, pelo menos, uma esfregadela ao frontespício.

— Que os vândalos, na sua faina de destruição, continuam a derrubar as guardas da Ponte de Santa Luzia.

— Que qualquer dia teremos a registar ali um lamentável desastre.

— Que os soldados-recrutados, aquartelados no antigo Paço dos Duques de Bragança, trouxeram mais animação à vida cidadina.

— Que há quem julgue que o Castelo dos Almadas está voltado para a viela de S. Crispim.

TISAFRR.

## «Pernas ao léo»

Para que?, se há tantas meias e a preços tão baratos na Casa das Gravatas.

## AGUARDANDO ORDENS

Das conversas que tenho tido com alguns amigos — que julgam não estarem a falar com o *Pipi* — averigüei que o meu prezado amigo, sr. Rodrigues Loureiro, continua a estar de acôrdo com a campanha aqui feita contra o *casebre* de que é proprietário, mas diz que na presente ocasião não pode dispor de dinheiro para mandar proceder à sua reconstrução. E' provável que assim seja e nem eu posso duvidar da afirmação de sua ex.ª, visto que reconheço que não é capaz de dizer uma coisa por outra. No entanto, não quero que a presente falta de dinheiro sirva de motivo para o senhor Loureiro mandar pôr o citado *casebre* em estado de não envergonhar a sua ilustre pessoa nem esta terra. E nestas condições, manda organizar, com tódas as despesas, um orçamento da desejada reconstrução. Depois de saber qual a importância a despendêr para tal fim, sua ex.ª aceita uma letra da quantia precisa e, sem ter necessidade de recorrer a mais ninguém para garantia da sua assinatura, eu tomo o compromisso de lhe conseguir o capital preciso para as obras a realizar. Não sou eu quem tem o dinheiro para dar em troca da letra, mas facilmente encontrarei quem o consiga. Se aqui estiver o remédio, o senhor Loureiro tem-me às suas ordens e a questão do *casebre* ficará solucionada com honra para tódos, mas muito principalmente para o seu digno possuidor. Quem, como eu, usa de tam leal franqueza, nada mais pode fazer. O senhor Loureiro pode não saber quem é o autor destas linhas — como de facto não sabe — mas, para qualquer coisa que pretenda da minha pessoa, pode dirigir-se ao «Notícias de Guimarães», onde sou conhecido. Como já tenho dito, nenhuma vontade nem nenhum prazer tenho de continuar a mexer neste assunto, atendendo à pessoa de quem se trata. E é por isso que tenho pedido que alguma coisa me seja dito sobre este caso, porque, uma vez que eu saiba de qualquer resolução tomada relativamente a êle, imediatamente informarei os meus pacientes leitores, dando, nessa altura, a campanha como terminada. Que mais quere o meu ilustre amigo, senhor Loureiro? Como até esta data, continuei a aguardar a transmissão de qualquer informação, da qual dependerá, como já está dito, a minha attitude futura. Isto de insistir ou de não largar mão do assunto, está claramente explicado nos meus escritos anteriores, nada tendo, portanto, com a consideração que o sr. Loureiro me merece. Até ao presente, ninguém me poderá acusar de desleal ou de amigo de *Peniche*. Quando não seja um modelo das mais puras virtudes, sou, pelo menos, um responsável pelos meus actos, sempre praticados com tódá a sinceridade. Assim o terá constatado o senhor Loureiro, que costuma dar o seu a seu dono.

Pipi.

## A' caridade dos nossos leitores

Um velho de 78 anos, ex-empregado público, encontrando-se na mais extrema miséria, sem casa, sem roupa de cobrir e de vestir, vem por este meio e por nosso intermédio implorar dos bondosíssimos corações dos nossos leitores qualquer peça de vestuário ou donativo afim de minorar a sua tam triste e desgraçada situação. Rogará a Deus, nas suas humildes orações, pela conservação da vida de tódas as boas almas que o auxiliarem neste tão triste transe. Qualquer donativo pode ser enviado a esta redacção.

Assinaí o NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

## Secção para todos

A cavallo num carro

Esta expressão é muito usada no alto Alentejo, assim como outras que a nós, minhotos, nos parecem grossa asneira, assim como por exemplo: *montado no combóio*, etc.

Sobre o assunto, diz o sr. Sá Nogueira o seguinte: Há razão, e das mais poderosas, para se dizer a *cavallo num carro*, *montado num combóio*. Há aqui o que se chama uma extensão de significado, muito usada (linguagem metafórica) e que provém da semelhança que notamos entre os factos que se dão em torno de nós. E' assim que se costuma dizer: *a cavallo num burro*, *a cavallo numa égua*, *a cavallo numa mula*, *num boi*, *num cão*, *num pau*, *numa cana*, *num muro*, etc. E' ainda assim que dizemos: *embarcar no combóio*, *no aeroplano*; *orientar alguém nos seus estudos*; *desmortejar a policia nas suas investigações*; *conduzir uma discussão*, *uma assembleia*; *aclearar um problema*, etc. Tudo quanto fica dito pertence a um ramo da Filologia chamada Sematologia, Semasiologia ou Semântica.

Quem se interessar por estes estudos, pode consultar:

Dr. Ribeiro de Vasconcelos, Gramática Histórica da Língua Portuguesa; Michel Bréal, Essai de Sémantique; Dauzat, La vie des mots; Nyrop, Grammaire Historique de la Langue Française, tomo IV; Restrepo, El alma de las palabras, etc.

## Futebol beneficente

Como estava anunciado, teve lugar no Campo de Jogos de Benlhevai, em o último domingo, o desafio de futebol entre dois grupos de cavalheiros, que assim prestaram o seu concurso à bela iniciativa do Vitória S. Club, de colaboração com um grupo de distintas e gentis senhoras.

O que foi essa tarde, — tarde cheia de alegria e de bom humor —, podem dizê-lo as centenas de pessoas que ao Campo de Benlhevai acorreram a presenciar um *match* em três tempos, irregulares mas picarescos pelas suas notas de franca gargalhada, quer pelos componentes dos *verdes* e *amarelos*, quer pelo infatigável *árbitro internacional*, o bom amigo António Faria Martins, que, se prejudicou os grupos com todos os *penalts* e as mil e umas penalidades contidas no incomensurável *código* de que se fazia acompanhar, não foi por mal, mas apenas porque tinha de ser *rigoroso* no cumprimento da difícil arte de arbitrar um *desafio* de tam grande responsabilidade, como era aquele, não deixando ficar por mãos alheias os seus créditos de exímio mestre dos *árbitros*... de Pevidém. Não sabemos se repararam até na sua indumentária... O que todos viram, com certeza, foi o bom humor, a graça, a boa-vontade em que todos estavam empenhados de oferecer, a numerosa e distinta assistência, entre a qual predominava muitas e muitas senhoras, momentos agradáveis de belo passa-tempo, fazendo esquecer-nos as horas amargas desta triste e sombria vida de pecada e pezadosos...

— Valha-nos ao menos isto, repetindo a frase do pobre mendigo, que, não podendo comer do presente, pelo menos lhe dava vontade de *aprezigar* o seu cheiro com um bocado de pão duro que trazia na sacola de linho grosso...

— Valha nos, pois, ao menos isto, e parabéns ao António Gualberto, belo e simpático membro do V. S. C., que foi incansável, e a António Costa e mais cavalheiros que concorreram para o bom êxito desta festa de beneficência, como os damos, sincera e respeitosa, à ilustre Comissão de Senhoras, que se prestaram a colaborar numa obra de pura e sã caridade, como esta — de olhar e socorrer os pobres velhinhos do Asilo de Mendicidade.

Ao nosso povo, digno e honrado, de belo e formoso coração, aqui deixamos os agradecimentos por bem saber e compreender o grande alcance social e humano desta tam simpática festa em que todos se deram as mãos no mais perfeito espírito de solidariedade cristã.



## DIA "NOVE DE ABRIL,"

Esta célebre data, que a História-Pátria tomou ao seu cuidado desde 1918, consagrando-a aos valorosos soldados de Portugal, que, em terras de França, mais uma vez deram ao mundo inequívocas provas da sua lealdade e valentia, vai passar a denominar-se "Dia do Capacete".

E', pois, sob esta designação que, de futuro, passará a falar-se do que foi a Batalha do Lyz, travada nas margens desse rio que lhe deu o nome; e com essa data se vai repetir, pela 16.<sup>a</sup> vez, no presente ano. Parece-nos oportuno lembrar, desde já, a todos os portugueses, o quanto de respeito e consideração devem merecer-lhes aqueles que foram vítimas dessa formidável Guerra, pedindo para todos eles o carinho a que têm incontestável direito.

O "Dia do Capacete" é, pois, dos combatentes—pertence-lhes—e deve ser-lhes tão religiosamente consagrado como religiosamente eles se sacrificaram—uma grande parte, em extremo, dando a vida e haveres de todos nós!

Não têm os Governos, até à data, recompensado, como o mereciam, todas as vítimas da sua dedicação pela Pátria, que, convencionalmente, lhes impõe o dever de se baterem por Ela, muito embora saibam estar convencidos também, que todos quantos A honrarem têm direito a ser contemplados.

Mas, dado que os governos não tenham feito, por carência de recursos financeiros, devemos nós, o povo — que é afinal o Governante — deixar morrer, à míngua de recursos, essa legião de antigos combatentes, que nos asseguraram a paz e a independência?

Não! Mil vezes não!

Só os degenerados, os sem-pátria, poderão recusar aos antigos combatentes, pobres e doentes, o seu auxílio.

O Estado, nesta conformidade, deve ser substituído por todos nós, e em especial por aqueles que, tendo fortuna, não precisam de intermediários para socorrer os Combatentes.

\*\*\*

Como nos anos anteriores, vai, pois, comemorar-se o 9 de Abril, isto é, o "Dia do Capacete".

A Direcção Central da Liga dos Combatentes resolveu que, em todas as suas Agências, Sub-Agências e Delegações do continente, ilhas, colónias e estrangeiro, se procure imprimir à solenidade comemorativa da Batalha do Lyz, o máximo de brilhantismo, devendo merecer especial atenção, aos diferentes Núcleos da Liga, o assunto *venda do capacete miniatura*, pois que da sua propaganda e larga venda, beneficiarão os combatentes, pobres e doentes, dos mesmos Núcleos.

Sobre este assunto abordamos, já, o Presidente da Sub-Agência da Liga, nesta cidade, que nos disse estar plenamente convencido do bom êxito do "Dia do Capacete" em todo o País, pois, há bem pouco ainda—quando do pedido pro-Natal do "Combatente", ele teve o prazer de verificar que o povo não regateia o seu auxílio aos homens da Guerra.

\*\*\*

E' necessário, portanto, que o povo de Guimarães não deixe que as suas tradicionais virtudes possam vir a ser desmentidas.

Assim os esperam os Combatentes da Grande Guerra, e assim os esperamos nós, pois é com imenso prazer que registamos e advogamos, nestas colunas, todas as causas que, como esta, só nobilitam e engrandecem. \*\*\*

## Crónica de Desporto

## Futebol

Vitória, 4. — S. Comércio e Salgueiros, 3.

No último domingo do mês que findou, o Vitória trouxe até nós o excelente agrupamento do Pôrto, S. C. Salgueiros, que continua a ser o mais directo rival do campeão do Norte.

Como era de esperar, o encontro despertou grande interesse na massa desportiva vimezanense que, a-pesar do mau tempo, acorreu ao Campo de Benlhevai em razoável número, vendendo-se também bastantes desportistas de diversas localidades vizinhas.

A equipe do popular Club dos vermelhos, que se encontra em esplêndida forma, deslocou-se completa, até nós, tendo deixado as melhores impressões.

O grupo vimezanense que na época passada se defrontou com o valoroso Salgueiros obtendo o honrosíssimo empate de 1-1, necessitava desta vez, atendendo à sua melhoria de forma, conquistar um resultado confirmativo do seu actual valor, e conseguiu-o.

## O ENCONTRO

Depois de ter findado o desafio entre as Reservas do Vitória e o 1.º grupo do Atlético S. C., iniciou-se o encontro Vitória-Salgueiros que a numerosa assistência aguardava com grande ansiedade.

O desafio começou com maus auspícios para o Vitória que, aos dois minutos de jogo, perdeu um "goal" certo por Fonseca ter rematado mal.

O grupo portuense realizou uma exibição esplêndida que muito deliciou o público.

Os rapazes do Vitória assediando com frequência as redes de Oliveira, desperdiçaram algumas boas ocasiões de "goal" feito pela hesitação de Faria em atirar às redes. Se assim não fosse, o popular grupo portuense teria sido batido por um "score" algo expressivo.

O 1.º tempo decorreu com mais vantagem para o Salgueiros; porém não foi além de um único "goal" a seu favor, obtido no último minuto e resultante de uma recarga. A sua acção neste 1.º tempo foi, tecnicamente, superior à do Vitória.

O 2.º tempo iniciou-se com grande pressão exercida pelo Vitória que obrigou a defesa do Salgueiros a entrar amiudadas vezes em acção, tendo esta, numa intervenção, concedido canto. Marcado este, a bola tomou o caminho das redes devido ao toque dum próprio jogador salgueirista. O Vitória anima e a sua pressão faz-se sentir desenvolvendo jogadas que surpreendem o seu adversário. Pouco depois o árbitro assinala uma grande penalidade contra o Salgueiros, aliás severa, de que resultou o 2.º ponto do Vitória. Os rapazes vimezanenses colocados na posição de vencedores lançam-se com extraordinário entusiasmo ao ataque, procurando elevar o marcador. Depois de uma série de passes dentro da grande área, o interior esquerdo vimezanense atirou às redes um forte remate, batendo Oliveira e fazendo o 3.º "goal".

O Salgueiros não desanima. A sua toada é a mesma. Após uma série de passes metódicos, bem delineados, o couro anichou-se no reduto confiado à guarda de Ricoca.

Com o resultado de 2-3, o grupo portuense procura insistentemente o empate, o que não consegue devido à grande acção da defesa vimezanense.

A linha dianteira do Vitória está a cumprir regularmente, salientando-se o trabalho do seu extremo-esquerdo. Numa avançada bem delineada e melhor finalizada, Lameiras atira lindamente ao "goal", sendo Oliveira, a-pesar da sua valente estirada, novamente batido.

O Salgueiros, embora um pouco desmoralizado, continua a bater-se com vontade e consegue, após um erro da defesa vimezanense, marcar o seu terceiro "goal" e último do encontro.

O Vitória põe novamente as redes de Oliveira em perigo com um "tiro" de Virgílio que roçou o poste, terminando em seguida o encontro com o honroso resultado de 4-3, favorável ao grupo vimezanense.

A acção do Vitória agradou. Ele soube impôr-se ao seu grande adversário.

No Salgueiros merecem referência Coimbra, Dias, Mansilha, Oliveira, Américo Teixeira, Miranda e Barrigas.

No Vitória, a defesa cumpriu. A linha avançada pecou no remate às redes.

Uma nota discordante se registou no segundo tempo, a qual veio empanar o brilho do jogo, que foi interrompido por motivo dum conflito entre o defesa direito vimezanense e um jogador do Salgueiros.

E' preciso evitar-se estes actos que não dignificam ninguém. Nada de voltar-se aos tempos que passaram.

Arbitrou o desafio o sr. José Ferreira da Silva

BOURBON DO AMARAL.

## Exumações do Passado

(Quadros sinópticos da História Vimezanense)

## VIII

## Procuradores da Comarca

Guimarães comportava judicialmente 21 vilas e 14 concelhos. Encontramos os seguintes:

Dr. Braz Cardoso do Amaral, em 1600; dr. Filipe Vieira Pinto, em 1641, que tomou posse em Abril; dr. Manuel Alves Salgado, em 1643; dr. António Marinho, em 1649; Damião Moreira de Meireles, que tomou posse em 13 de Agosto de 1658; dr. António Pinto da Rocha que, sendo nomeado em 3 de Janeiro de 1707, tomou posse em 5 de Janeiro de 1708; Baltazar da Fonseca Lemos, nomeado, por um alvará, em 8 de Outubro de 1708; José Nunes Fernandes, nomeado, por um alvará, em 22 de Fevereiro de 1716; Domingos de Oliveira Freire, nomeado, por um alvará, em 6 de Novembro de 1723; dr. Tristão Pereira Pimenta de Araújo, que foi juiz do Porto, sendo nomeado, por um alvará, de 13 de Dezembro de 1726, só tomou posse em 31 de Março de 1727; o licenciado José Lopes da Costa que tomou posse em 1728; Gaspar Pimenta de Avelar, que tomou posse em 1730; Fernando Lobo Sotto-Maior, que foi nomeado, por um alvará, em 7 de Dezembro de 1760; Francisco Xavier Pinto de Melo, nomeado em 1 de Março de 1765; José Pires Monteiro de Oliveira, nomeado, por carta régia, em 20 de Julho de 1770; dr. António Benvenuto Jorge, nomeado por alvará com alçada, a 25 de Setembro de 1775; dr. José Francisco de Araújo Vasconcelos Mimoso, nomeado em 11 de Julho de 1781 por uma carta régia; Francisco Xavier Pinto de Melo (2.ª vez) nomeado, por carta régia, em 9 de Março de 1785; José Manuel Cardoso Pizarro, em 1788; Domingos Manuel Marques Soares, nomeado por alvará, em 11 de Novembro de 1801; Francisco Barroso Pereira, em 1811; dr. José António de Almeida, em 1822; dr. Francisco Luís Teixeira da Mota, por carta régia de 1825, sendo nomeado por decreto de 30 do mesmo mês e ano de 1826; Manuel Inácio Pereira de Moraes Cabral, em 20 de Outubro de 1826 e foi suspenso em 26 de Junho de 1828; João Nunes Silvério Cerqueira Gomes em 1828. Só serviu três meses. Miguel Soares de Albergaria desde o resto de 1828 até Maio de 1829; Carlos José da Cruz e Sousa, desde o resto de 1829 até 30 de Dezembro de 1831; Fernando António Sequeira Vilaça nomeado em 28 de Agosto de 1832, tendo sido nomeado por decreto de 1831 (Dezembro).

## José Carneiro

## AGRADECIMENTO

A todas as pessoas que se dignaram incorporar-se no préstito fúnebre do saudoso José Carneiro, Presidente que foi da Associação Fúnebre Familiar Operária Vimezanense e ainda àquelas que por qualquer forma manifestaram o seu pezar pelo passamento do prestante cidadão, vem a Direcção daquela colectividade, muito reconhecidamente, patentear-lhes a sua indelével gratidão.

Guimarães, 1 de Março de 1934.

## Aos nossos leitores

Chamamos a atenção dos nossos leitores para os assuntos tratados na quarta página do nosso jornal.

## QUINTAS

VENDEM-SE a dos Carvalhos e a da Bouça, situadas na freguesia de Silves, a meia hora de boa estrada desta cidade. Facilita-se o pagamento. Informa: Camilo Laranjeiro dos Reis — Tournal, 2 — Guimarães.

## Notícias pessoais

Tem estado incomodado o nosso bom amigo sr. dr. Manuel Jesuá de Sousa.

Desejamos o seu rápido restabelecimento.

Também está doente o nosso prezado assinante e inteligente desenhista sr. Joaquim Teixeira.

Desejamos-lhe melhoras.

Encontra-se algo doente o nosso bom amigo e distinto professor da Escola "Francisco de Holanda", sr. dr. Fernando de Matos Chaves.

Desejamos-lhe pronto restabelecimento.

Tem passado incomodado o nosso bom amigo e antigo administrador deste jornal, sr. João Serafim Ribeiro. Fazemos votos pelas suas melhoras.

## Festa do 9 de Março

Com a costumada solenidade realizou-se, na sexta feira, no salão nobre da Sociedade Martins Sarmento, a festa escolar do 9 de Março, para a distribuição de prémios aos alunos mais aplicados das nossas escolas.

Ao acto, que teve numerosa assistência, entre a qual se viam as autoridades e pessoas de representação, professorado, academia, etc., presidiu o sr. Dr. Ricardo Freitas Ribeiro, Vice-Presidente da Câmara e Administrador do Concelho, tendo falado sobre o significado da festa o sr. Capitão Mário Cardoso, Presidente daquela brilhante instituição científica.

Em seguida fez-se ouvir um magnífico grupo coral composto de 120 crianças, sob a regência da distinta professora ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Maria Celeste Nobre, cuja audição muito agradou.

Foram executados, entre outros, os seguintes números: «Portuguesa», «Hino à Escola», «Barqueiros» e «Portugal é Lindo». O interessante menino Rodrigo José Santos de Sousa Felix cantou uma linda canção, acompanhado ao piano pela ex.<sup>ma</sup> sr.<sup>a</sup> D. Lucília Alijó de Lima. Outros pequenos estudantes recitaram, com graça, várias poesias.

Depois foram distribuídos os prémios, por entre salvas de palmas, e servido às crianças um abundante lunch.

A tarde realizou-se uma sessão cinematográfica no cinema Gil Vivente.

A festa foi abrilhantada pela banda das Oficinas de S. José.

## O Telefone 188

## é a CASA DAS GRAVATAS.

A casa que maior sortido tem e mais barato vende meias e péguas.

Não confundir!...

## V E N D E - S E

O casal de Covas, situado próximo à Corredoura, na freguesia de S. Cosme da Lobeira.

Compõe-se de bons terrenos lavrados, árvores de fruto e olivais. Tem o mato preciso para a sua cultura e água em abundância. Produz bastante vinho de boa qualidade e paga de renda anualmente 6 carros e 10 alqueires, tendo anos de produzir mais de meia pipa de azeite.

Podem informar: João Evangelista Neves de Almeida.

## Representações

ARMANDO MIRANDA, estabelecido com escritório na rua Conde de Vizela, 90-1.º, aceita representações de fábricas de tecidos.

Dá todas as referências exigidas.

## Dos Livros. Dos Jornais.

«Curso completo — (Elementar, médio e superior) de Esperanto»

Recebemos o 1.º fascículo desta interessantíssima obra editada pela «Portugala Instituto de Esperanto» — Rua Jardim do Regedor, 5-4.º — Lisboa. Insete a fotografia do Dr. Luís Lázaro Zamenhof, genial fundador do «Esperanto» e compreende três capítulos ou números.

Versa o 1.º o papel e a génese da linguagem; os seus elementos primitivos; factos da evolução lingüística; a Torre de Babel; rumos que a civilização imprime à evolução lingüística; o termo desta evolução está na unificação das línguas; a fusão das línguas e a possibilidade de a antecipar artificialmente.

O 2.º trata do problema da língua internacional, inserindo o resumo histórico das tentativas para a criação de uma língua internacional, os conceitos aristotélico e platónico sobre a origem das línguas e ainda a Pasigrafia e Ideografia sistema «aprior» e o Esperanto, como língua «a posterior».

O 3.º abrange as tentativas de inter-língua, simultâneas e posteriores ao Esperanto; os caracteres essenciais do Esperanto; o Esperanto, língua nova e internacional; o movimento esperantista nos países de língua portuguesa; as principais objecções ao Esperanto e a alma do Esperanto. Todos os capítulos são tratados com proficiência e servidos de uma argumentação segura e convincente. Dela ressalta a necessidade de uma língua internacional auxiliar, vasada na fusão das línguas faladas, para preencher uma lacuna da civilização que a-pesar-de possuir já variados meios parciais de exteriorizar o pensamento e instrumentos que servem o movimento de intercâmbio material e intelectual — não dispõe de um idioma que permita aos homens de toda a Terra entenderem-se e amarem-se.

O curso é ministrado por lições insertas nos fascículos, podendo os assinantes submeter-se ao exame no final da assinatura. Agradecemos a gentileza da oferta e oferecemos os nossos préstimos.

«Terras de Bragança»

Deu-nos o prazer da sua visita este novo colega, cujo lema é: «Tudo pela Nação, Nada contra a Nação».

Desejamos-lhe felicidades.

«O Correio de Portugal»

Recebemos um número ilustrado e brilhantemente colaborado deste prezado colega, que se publica em Lisboa, de homenagem à República Grega.

## AGRADECIMENTO

Daniel de Moura, vem, por este meio, agradecer muito penhorado a todas as pessoas que procuraram interessar-se pela saúde de seu extremoso Pai, o industrial Pedro de Moura, bem assim a todas aquelas que se dignaram acompanhar os restos mortais do saudoso extinto à sua derradeira morada, confessando-se eternamente reconhecido.

Guimarães, 28 de Fevereiro de 1934.

Daniel de Moura.

POPELINE LOYO-SHRUNK Para camisas  
ÚLTIMA NOVIDADE  
Na CASA DAS MEIAS

# Camisaria Martins -- Casa das Meias

POPELINES para camisas Coleção 1934

Consulte os NOSSOS PREÇOS. E será NOSSO CLIENTE

## Ecos da Semana

**Dr. Francisco Correia** — Tem passado incomodado o sr. dr. Francisco Nunes Correia, mereíssimo Juiz de Direito desta comarca.

**De luto** — Pelo falecimento de seu tio e primo, o nosso conterrâneo sr. Francisco Teixeira de Aguiar, encontram-se de luto os nossos amigos srs. Alberto Teixeira Carneiro e João Teixeira de Aguiar.

Pelo falecimento de um seu tio, encontra-se também de luto, o nosso amigo sr. Abílio Martins. Os nossos pêsames.

**Futebol beneficente** — Na local que publicamos, com este título, por lapso, deixamos de fazer referência à afamada Banda dos Guises que, gratuitamente, prestou o seu valioso concurso àquela festa.

**Associação Comercial e Industrial de Guimarães** — A assembleia geral desta colectividade reúne pelas 15 horas do dia 12 do corrente mês, a-fim-de ser dado cumprimento ao disposto no § 1.º do art.º 51.º do Decreto 16731 (nomeação dos representantes de cada classe em cada freguesia).

**Comissão Venatória** — Para dar cumprimento ao determinado nos art.ºs 43 e 96 do Decreto N.º 23461 de 17 de Janeiro do corrente ano, e para conhecimento dos interessados, é designado o dia 18 do corrente mês para se proceder à eleição dos três caçadores idóneos para fazerem parte da Comissão Venatória Concelhia a qual terá lugar, pelas 10 horas, do referido dia 18, na sala das Sessões da Câmara Municipal deste concelho. Caso não compareça número legal para se proceder à eleição, esta realizar-se há, então, no dia 25, à mesma hora, com qualquer número de caçadores que compareça.

**Procissão de Passos** — E' no próximo Domingo, se o tempo permitir, que se realiza a grandiosa procissão de Passos, sem dúvida um dos mais imponentes cortejos religiosos que se realizam no país.

A mãe da respectiva Irmandade, a que preside o nosso bom amigo, sr. José Pinheiro, não se poupa a cansaças para que aquele cortejo e ainda as restantes solenidades que promove, sejam revestidas do maior brilho.

A orquestra, que no Sábado de Lázaro se fará ouvir, acaba de ser organizada pelo distinto violinista, sr. António Guise, e compor-se-á por elementos desta cidade e do Pôrto, dentre os quais o apreciado tenor Gastão Mineiro.

**Feiras de S. Torcato** — Não obstante o mau tempo, foram muito concorridas e deram motivo a avultadas transacções, as feiras francas de S. Torcato, realizadas no dia 27 de Fevereiro.

Durante o dia houve grande movimento naquela povoação, tendo corrido tudo na melhor ordem.

**No «Notícias»** — Deu-nos o prazer da sua visita o sr. João Rio de Carvalho Garcia, representante da «Fundição Tipográfica P. Gini», de Lisboa.

**Pela policia. Uma carta** — Dos comandantes do posto da policia de Barcelos, recebemos uma amável carta de saudação ao «Notícias de Guimarães», cuja assinatura nos é solicitada.

Aos referidos comandantes, srs. António Ribeiro Rodrigues e António do Nascimento Gon-

calves, sub-chefes n.ºs 5 e 94, bem como a todos os componentes daquela Esquadra, os nossos agradecimentos.

**Crime de morte** — Vítima de uma violenta agressão à pedrada, de que foi autor o sapateiro António Ribeiro, «o mamãzinha», faleceu ante-ontem, no Hospital da Misericórdia, desta cidade, Manuel Gonçalves Machado, solteiro, morador na rua d'Arcela. O criminoso foi entregue ao poder judicial.

**Falta de espaço** — Fica-nos de fora bastante original, por absoluta falta de espaço. Que os nossos ilustres colaboradores nos desculpem.

## Falecimentos

Maria Aurora Neves Correia Gomes

Vítima de uma pertinaz doença, que há longos meses lhe vinha minando a existência, faleceu, no dia 1, a sr.ª D. Maria Aurora Neves Correia Gomes, filha do nosso bom amigo e estimado farmacêutico local sr. Henrique Correia Gomes. Contando apenas 21 anos incompletos, foi assim roubada — tão cedo — ao carinho de seus estremos pais e irmãos e ao convívio das amigas que a estimavam, tantos e tão belos eram os predicados do seu coração, aliados a uma viveza de espírito que prendia e encantava.

O funeral da desventurada menina, realizado na Capela da V. O. T. de S. Domingos, constituiu uma grande manifestação de saudade, tendo-se incorporado no préstito fúnebre, que acompanhou o cadáver ao cemitério, muitas senhoras, representantes dos B. V. de Braga e Guimarães, e um elevado número de pessoas de todas as categorias.

A chave do féretro foi entregue ao sr. José de Pina, 1.º Comandante dos B. V. de Guimarães, que, por sua vez, a entregou ao seu colega de Braga.

De entre os muitos bouquets que cobriam o caixão, podemos tomar nota dos seguintes:

*Saudade eterna e bênção de teus desolados Pais.*

*Na mansão celestial que habitas, aceita as sentidas lágrimas de saudade de teus irmãos.*

*Adeus Mimi! Na mansão celestial não esqueças a tua tia Rita, que jamais te esquecerá nas suas humildes preces ao bom Deus.*

*Que estas flores sejam preces a elevar a Deus, pedindo-lhe suavemente o sofrer da atribulada vida de tua amiguinha.*

*Além de ir repousar à sombra dum cruz, na Eternidade há névens que recompensam os que na terra tiveram um sofrimento atroz como tu, chorada Mimi. Na mansão celeste não te esqueças de Albertina Almeida.*

*Manuel A. Esteves Campante e esposa, como prova de grande estima.*

*O muito que sofreste em vida será recompensado pela felicidade eterna — FONSECAS.*

*As Saudades que a todas nós deixas, saudosa Mimi, são apenas representadas por estas flores que serão orvalhadas com as lágrimas de todas nós — As telefonistas de Guimarães.*

*Poucas flores, muitas lágrimas da sua amiga Adozinda Carreira Lopes.*

*A boa amiguinha Maria Aurora. Saudades infundidas das amigas muito dedicadas Emília e Isaura Pinto Bastos.*

*Adeus Mimi, que tão cedo voaste ao Céu! Peço ao Senhor pela tua amiguinha. — Irene Carreira.*

*Uma lembrança da tua muito amiguinha Maria Amélia P. R. Lindoso.*

*Com muitas saudades à bondosa Mimi-sinha, oferece a sua amiga Emília Lemos Leite.*

*Eterna saudade de Luís Gonzaga G. de Freitas*

*Eterna recordação de seu empregado Manuel.*

Fernando Fernandes de Freitas

A terrível tuberculose, na sua faina destruidora, acaba de rou-

bar mais um mancêbo, que havia conquistado no nosso meio muitas simpatias e amizades.

Morreu o Fernando Freitas! Há muito já que o sabíamos doente mas nunca supusemos que tão cedo nos deixasse.

Tinha apenas 26 anos de idade e possuía excelentes qualidades de trabalho e carácter, que o tornavam querido dos seus colegas e dos amigos.

Tudo isto bastou para que o seu passamento inesperado a todos contristasse.

O saúdoso finado era irmão dos nossos amigos srs. Dr. João Fernandes de Freitas, Artur Fernandes de Freitas, José Fernandes de Freitas e António Fernandes de Freitas, e cunhado do também nosso amigo sr. José Soares Barbosa de Oliveira.

O seu cadáver foi retirado na segunda-feira de manhã da Câmara ardente, por um grupo de colegas, e trasladado para o templo de S. Domingos, onde às 11 horas foi celebrada a missa de corpo presente. Findo aquele acto, a que assistiram muitas pessoas — empregados do comércio, comerciantes, capitalistas, médicos, etc., etc. — organizou-se um longo préstito que acompanhou o cadáver do inditoso mancoço à última morada.

Fechou o caixão o patrão do finado, sr. Alberto Pimenta Machado.

Em vários turnos pegaram ao caixão os srs. José Faria Martins, António da Silva Martinho, António Soares Barbosa de Oliveira, Pedro Nunes de Freitas, Inácio da Costa, Terezino Augusto Fernandes, Alberto Ribeiro, João de Oliveira e Armando de Barros Monteiro.

Sobre a urna foram depositos muitos bouquets de flores naturais e artificiais, com as seguintes dedicatórias:

*Tão novo deixas o mundo e com profunda saudade te vemos partir! Chorando sinceramente a tua morte ficávamos sempre na memória de tua irmã e cunhada — Julieta e José.*

*Fernando: morreste, mas viverás sempre na memória de teu irmão e cunhada, que saudosamente te dizem o último adeus — Artur e Beatriz.*

*Adeus Fernando! E' com a mais acérrima dor que neste momento te dizem este eterno adeus, teu irmão e cunhada muito amigos — João e Amélia.*

*As lágrimas que por ti derramamos são fruto da eterna saudade que deixas no coração de tua irmã e irmãos, muito amigos — Maria Eduarda, Abel e António.*

*Nesta saudosa despedida vão as lágrimas de uma dor profunda e a eterna recordação de teu irmão e cunhada — José e Aurora.*

*Ultimo e sentido adeus de tua tia Laura, a quem o convívio destes últimos meses fez criar uma afeição de verdadeira mãe.*

*Tio Fernando: Somos pequeninos, mas é muito grande a saudade que a tua morte nos deixa. Pega a Deus por seus sobrinhos muito amigos — Maria Manuela, Maria Fernanda, Carlos Alberto, Fernando Jorge, Maria Liseta, Maria das Dóres, Orlando Manuel, João, Maria Ambrosina, António, José e Fernando.*

*Tributo de Saudade do Capitão Duarte Ferréri de Gusmão Sousa Fraga.*

*Fernando: O teu inesperado desaparecimento do nosso convívio vibrou-nos um rude golpe no coração, que muito nos penalizou e acabrunhou.*

*Sentimos e choramos com a mais profunda mágoa a perda de tão Bom Amigo e leal companheiro, e a nossa Dor será incomensurável, implorando junto de Deus pelo teu eterno descanso. — Um grupo de Amigos.*

*Ao seu inolvidável bom colega e amigo, como preito de muita saudade e homenagem ao seu diamantino carácter. — Os Colegas da Casa Alberto Pimenta Machado.*

Que descance em paz o pobre Fernando.

Foi muito concorrida a missa do 7.º dia, celebrada, ante-ontem, no templo de S. Domingos.

Um grupo de amigos do desventurado moço manda celebrar,

hoje, uma missa, em sufrágio de sua alma, às 11 horas, na Basílica de S. Pedro.

\* \* \*

Faleceu, a semana passada, o sr. João Félix de Oliveira, que contava 21 anos de idade, e era filho do sr. Francisco Félix Guimarães, chefe da estação dos Caminhos de Ferro do Norte.

\*

No Hospital de S. Domingos, finou-se o antigo e estimado coreceiro, sr. Fernando Pereira Pavão, que, embora pobre, deixou testamento, contemplando as casas de caridade e a Penha.

\*

Faleceu, no passado domingo, em Nespereira, a proprietária sr.ª D. Emília Rosa Leite.

— A's famílias enlutadas apresentamos as nossas sentidas condolências.

## Agradecimento

A família da saúdosa Teresa Soares Faria agradece, muito reconhecida, a todas as pessoas que se dignaram enviar as suas condolências.

Guimarães, 20 de Fevereiro de 1934.

## ANÚNCIO

Faz-se público que pelo notário abaixo assinado, fora lavrada uma escritura de sociedade por quotas, no dia 12 de Fevereiro de 1934, celebrada entre os sócios João Ferreira das Neves e Manuel Gomes Ferreira da Costa, nos termos dos art.ºs seguintes:

1.º Esta sociedade adopta a firma João Ferreira das Neves & C.ª, L.ª, e fica com a sua sede nesta cidade de Guimarães.

2.º O seu objecto é a exploração de transporte de passageiros e carga por viaturas automóveis, e de qualquer outro ramo quer de indústria, quer de comércio, que de futuro venham a resolver.

3.º A sua duração é por tempo indeterminado, e, para todos os efeitos o seu começo se contará do dia de hoje.

4.º O capital social é de 20.000\$000 em dinheiro, divide-se em duas quotas iguais cada uma pertencente a cada um dos sócios, achando-se integralmente pagas.

5.º Nenhum dos sócios poderá ceder a sua quota, no todo ou em parte, a quem quer que seja sem autorização do outro sócio.

6.º A sociedade será representada em juízo e fora d'ele, activa e passivamente, por qualquer dos sócios, pois ambos ficam sendo gerentes.

7.º Parágrafo 1.º O uso da firma só se poderá fazer em negócios da sociedade, ficando o gerente que tal transgrida, responsável por perdas e danos.

8.º Parágrafo 2.º Nos negócios ou actos em que a responsabilidade da sociedade vá além de 500\$000 ambos os sócios assinarão os necessários documentos, um com a firma social e o outro com o seu nome individual.

9.º As reuniões da sociedade serão convocadas por cartas registadas

## O nosso jornal

Devido aos muitos serviços que se aglomeraram na tipografia onde é composto e impresso o «Notícias de Guimarães», não foi possível publicar-se este jornal na semana passada.

De tal falta pedimos desculpa aos nossos prezados anunciantes e assinantes.

dirigidas aos sócios com antecedência, pelo menos, de 5 dias.

8.º Os balanços e contas fechar-se-ão no dia 31 do mês de Dezembro de cada ano.

9.º Os ganhos, depois de se lhes ter deduzido a percentagem legal para o fundo de reserva, enquanto não estiver realizado ou sempre que fôr preciso reintegrá-lo, serão divididos em partes iguais por ambos os sócios.

10.º Cada um dos sócios poderá retirar mensalmente, por conta dos seus lucros e para seus gastos particulares, até à quantia de 1.000\$000.

11.º Qualquer dos sócios poderá fazer à sociedade os suprimentos de que ela precise, ficando as respectivas importâncias a vencer um juro igual ao estabelecido pelo Banco de Portugal para os seus descontos.

12.º A sociedade não se dissolverá senão pelo acordo mútuo dos sócios e pelo falecimento ou interdição de qualquer d'elles.

13.º Parágrafo 1.º No caso de se dissolver por mútuo acôrdo, o activo e passivo será adjudicado ao sócio que melhores vantagens oferecer.

14.º Parágrafo 2.º No caso de se dissolver pelo falecimento ou interdição dum dos sócios o activo e passivo será adjudicado ao sócio sobrevivente ou capaz.

15.º Parágrafo 3.º Em qualquer das hipóteses, o sócio a quem fôr adjudicado o activo e passivo pagará a quem de direito o que ao outro pertencia em cinco prestações iguais e semestrais, salvo se ao cumprimento dessa obrigação não se der a fiança ou caução bastante, porque neste caso o pagamento total será feito imediatamente.

16.º Parágrafo 4.º Aquelas prestações vencerão um juro igual ao estabelecido pelo Banco de Portugal para os seus descontos.

17.º A escrita da sociedade estará sempre em ordem e poderá ser examinada em qualquer altura pelos sócios ou por pessoa a quem confiaram os necessários poderes para isso.

18.º Em todo o omissio regularão as disposições da lei de 11 de Abril de 1901 e mais Legislação applicável.

Está conforme.

Guimarães, 28 de Fevereiro de 1934.

O Notário,  
Francisco Moreira Sampaio.

## PRÉDIO

Vende-se na rua de Donais com os números 26, 28 e 30. Aceitam-se propostas no Largo do Trovador, 29, das 13 às 15 horas.

Visado pela Comissão de Censura.